

## A ESCUTA DO TERAPEUTA

**ELOISA ELENA C.  
CARNEIRO**

*Pedagoga, terapeuta de  
família e casal, sócia  
colaboradora do Instituto  
Familiae, SP  
lelecc@hotmail*

Dois artigos – “A construção de um programa de assistência familiar em um Hospital-Dia Psiquiátrico: desafios e potencialidades” e “Três saberes a serviço das famílias: uma discussão sobre a supervisão das equipes dos Centros de Referência de Assistência Social” – produziram em mim uma reflexão semelhante sobre como a escuta do terapeuta fica mais aguçada, refinada, a partir de discursos em que mais de um saber se encontram.

Faço aqui uso das palavras dos próprios autores dos trabalhos citados para confirmar minhas práticas e crenças num ideal que negocia, compactua com a vida.

Essa escuta requer flexibilidade, sensibilidade e capacidade de resposta, além de criatividade para fazer aquilo que a ocasião exige em cada momento. Requer priorização do “foco relacional e não individual na análise da produção de sentidos, em que se destacam a noção de *ação-conjunta*, e a relação dos enunciados entre si, e deles com outras *vozes e discursos sociais*, presentes em uma conversa [...] as relações construídas entre interlocutores e entre outros discursos sociais, a partir do qual uma determinada significação emerge como uma verdade situada” (Guanaes, 2012, p. 59).

Nos dois serviços descritos, além dos psicólogos, a inclusão de vozes médicas (e afins), religiosas, de assistentes sociais, de técnicos de nível médio e até de um economista levaram ao reconhecimento de uma melhor produtividade àquilo a que as duas equipes se dispuseram. Nos dois casos, foram práticas inovadoras em instituições públicas que vêm passando por mudanças que valorizam uma ação integrada e a promoção de uma “busca ativa” (Guanaes, 2012, p. 75).

A verdade que pode ser **construída** em conversas que sejam reflexivas, criativas e úteis. A contextualização social, histórica e cultural com as particularidades de cada interação legítima algumas descrições enquanto exclui outras. Buscamos somar esforços para a construção de um fazer conjunto e colaborativo, valorizando diferenças e ampliando recursos e ferramentas de trabalho. O fazer conjunto oferece um espaço de compartilhamento das dificuldades encontradas e dos impactos vividos, aumentando a capacidade da equipe de ajudar a pessoa em sofrimento. (Guanaes, 2012). As pessoas criam regras às suas necessidades e interesses. “Nesse caminho, desafios e potencialidades se cruzam fazendo deste um trabalho instigante, provocador” (Guanaes, 2012, p. 71) e com um ganho não planejado.

Minha experiência clínica mostra que, nas relações estáveis, a diferença está sempre presente e que esse olhar beneficia intensamente e transforma o trabalho de profissionais competentes em instituições de referência. Eles nos mostraram como foi transformar um lugar de “verdades” (discursos sobre e profissional especialista) num espaço de conversa que fizesse sentido no contexto. Equipes interdisciplinares promovem um espaço de trocas, favorecendo o surgimento de diálogos transformadores sobre a dinâmica familiar e como se dá a produção de sentidos e possibilidade de mudanças. À medida que vão se somando outras visões, outras perspectivas, surgem novas e criativas opções. A equipe passa a ser um recurso que contribui tanto com a família como com a própria equipe (Guanaes, 2012).

Utilizando-se jogos de linguagem dentro de normas compartilhadas, confirmaram seus ganhos: “Um recurso importante que nos é oferecido é a compreensão da linguagem em seu caráter performático. Ao descrevermos o mundo e as pessoas de

determinados modos, construímos determinadas realidades. Percebemos que as palavras não têm um sentido em si mesmas; é no seu contexto de uso que garante o seu significado (Guanaes, 2012, p. 67).”

No mundo contemporâneo tudo é modificado e reconstruído o tempo todo. Quanto mais vemos nossa sociedade pautada por mudanças éticas, sociopolíticas e culturais, mais ouvimos descrições como: “O jogo de interesses é o que une as pessoas.” Mais ou menos... São afirmações que causam um enorme mal-estar. Nas vozes dos terapeutas de família estão palavras que descrevem os ganhos de incluir novas vozes e olhares em suas convivências. A ausência de uma visão única nos ajuda a rever conceitos e posicionamentos, além de diminuir o problema da relação saber/poder. Promover uma ação articulada em prol de resultados mais efetivos para os cidadãos é o nosso foco.

Que bom encontrar outras vozes para diferentes diálogos, pois isso nos permite renovar a visão do mundo.

## REFERÊNCIAS

- Guanaes, C. et al.** (2012). A construção de um programa de assistência familiar em um hospital-dia psiquiátrico: desafios e potencialidades. *Nova Perspectiva Sistêmica*, XXI(43), 54-72.
- Pereira, C.P.G., Coelho, R.P.S., & Hirata, R.M.** (2012). Três saberes a serviço das famílias: uma discussão sobre a supervisão das equipes dos centros de referência de assistência social. *Nova Perspectiva Sistêmica*, XXI(43), 73-83.